



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REDE E EXPERIMENTAÇÃO: A FUNÇÃO DO CINEMA NAS ATIVIDADES DO CINEDUC

Aldenira Mota do Nascimento*
(UESB)

RESUMO

A partir da experiência de pesquisa realizada no mestrado sobre a trajetória da ONG carioca Cineduc, no período de 1969 a 1980, que se dedicou a introduzir o cinema como arte no currículo de algumas escolas do Rio de Janeiro, proponho-me a repensar o lugar da arte no currículo escolar atual. Para isso, investigarei como os agentes dessa história constituíram uma *rede* de pessoas envolvidas e, por meio da *experimentação*, desenvolveram diversas ações pedagógicas ao longo dos anos. Nossa hipótese é de que a profissionalização do discurso sobre cinema acabou por provocar uma *fissura* entre cinema e educação que persiste ainda hoje. Utilizamos material de arquivo e depoimentos, em diálogo com os autores Edward P. Thompson, enfatizando os conceitos de processo e experiência; e com Michael de Certeau, as categorias táticas e estratégias.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Cinema e educação. Experiência.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões decorrentes da investigação realizada no mestrado em Educação sobre a ONG Cineduc: Cinema e Educação entre 1969 e a década de 1980.⁵⁸⁴

*Mestre em Educação pela Unirio. Participante do Grupo de Pesquisa: NEPHEB – Núcleo de Pesquisa de História da Educação Brasileira. Pesquisa realizada com financiamento da CAPES. E-mail: profald@ig.com.br.

⁵⁸⁴ A dissertação está disponibilizada na sua íntegra no site da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), com o título *Percurso histórico do Cineduc e o fazer-se de seus protagonistas entre 1969 até a década de 1980*.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Cineduc é uma organização não-governamental pioneira no trabalho com cinema e educação, criança e formação de professores no Brasil. Começou por iniciativa da Igreja Católica, em 1969, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 1975, tornou-se uma ONG.

Para compreender a perspectiva educativa do Cineduc, foi feita uma análise histórica a partir de documentos e entrevistas realizadas com as fundadoras, uma estudante e duas professoras que participaram desse projeto. O resgate dessa história teve o intuito de entender as razões que levaram a Igreja Católica a trabalhar com o cinema e a buscar formar um espectador crítico infantil. Discute-se essa trajetória através do mapeamento das origens latino-americanas desse trabalho e da criação do Plan Deni,⁵⁸⁵ de onde nasce o Cineduc. Além disso, é analisado o percurso de desenvolvimento do Cineduc e de seus protagonistas no Brasil. Compreender como as pessoas envolvidas no projeto trataram a relação cinema, educação, infância e formação de professores foi um dos eixos fundamentais da investigação.

Para fundamentar teoricamente este estudo, dialogamos com as ideias de Edward Palmer Thompson com base nos conceitos de *processo* e *experiência* (THOMPSON, 1981). De sua obra *A formação da classe operária inglesa* (THOMPSON, 1987), pinçamos a expressão *fazer-se*, no sentido de uma formação social e cultural que surge a partir dos processos experienciados e vividos. Trago também para o diálogo Michael de Certeau (1994), no que diz respeito às práticas cotidianas dos atores que criam suas estratégias e táticas para o *fazer-se* em um contexto hegemônico.

Thompson reconhece que a obra crítica não é um pensamento total e afirma que só se pode pensar uma coisa se ela for observada, experimentada, vivida. Por isso valoriza a experiência e o processo, pois as pessoas, por meio de suas

⁵⁸⁵ Plan Deni é uma metodologia utilizada pelo seu idealizador Luis Campos Martínez num projeto desenvolvido pela Igreja Católica com objetivo de educar o espectador crítico infantil através do cinema. Organizado por América Penichet, foi realizado em Quito e Lima no ano de 1968 e expandiu-se no ano seguinte para Brasil e Uruguai, sendo rebatizado aqui de Cineduc: Cinema e Educação.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

experiências, se constituem sujeitos de uma determinada sociedade. Para o historiador, a classe operária formou-se pela vivência de suas experiências cotidianas, marcadas pelo tempo. Em sua pesquisa, buscou os indícios de como as pessoas fizeram-se no decorrer daquele processo, incluindo no materialismo histórico o que não é quantificável ou mensurável, como os sentimentos, as emoções, os costumes.

Portanto, todo “ser social” tem experiência, pois esta “entra sem bater à porta” através do pensamento e da reflexão sobre os acontecimentos individuais e coletivos, estando o indivíduo aberto a mudanças “que dão origem a experiência modificada”. Assim, exerce pressão “sobre a consciência social existente e propõe novas situações, contradições e silêncios” (THOMPSON, 1981, p. 16).

A estratégia que traçamos para buscar a história do Cineduc foi entrevistar algumas pessoas, fazer um levantamento bibliográfico específico sobre essa instituição, inclusive em produções acadêmicas⁵⁸⁶ que trataram sobre cinema, Igreja e educação, a fim de buscar as pistas dessa história. Compreendemos que “nunca vamos contar toda a história, nós nunca vamos restituir o passado enquanto tal, nós vamos reconstituir o passado como lugar de lacunas” (LEANDRO, 2011b).

Todas as entrevistas realizadas foram de modalidade aberta, ou seja, os entrevistados tinham liberdade para se expressar e deixar fluir as lembranças. O objetivo era buscar os *vestígios* dessa história e o *fazer-se* dessas pessoas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e devolvidas aos entrevistados para que fossem lidas, alteradas e autorizadas para a utilização na pesquisa.

⁵⁸⁶Nesse sentido, foram de grande auxílio a dissertação da pesquisadora Raquel Santos (2009), *Lição de coisas: Igreja Católica e formação cultural para o cinema no Brasil e na Bahia*; as teses de doutorado de João Alves Júnior (2008), *O livro de imagens luminosas: Jonathas Serrano e a gênese da cinematografia educativa no Brasil [1889-1937]*; a de Milene Gusmão (2008): *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX ao XXI*; dissertação de Daniel Nunes Guimarães Paes (2010), *Olhar ativo: a central católica de cinema do Rio de Janeiro (1954-1971)*; Layana Karine Pimentel (2010): *Por uma América Latina mais justa: análise das concepções dos cristãos de esquerda sobre a AL na Revista Paz e Terra (1966-1969)*; e outros textos acadêmicos encontrados na internet. Essas produções acadêmicas, além de trazerem informações fundamentais para o entendimento do entrelaçamento entre cineclubismo, cinema, educação e Igreja, possibilitaram a leitura de outros textos importantes, como os documentos papais, aos quais obtive acesso pelo *site* do Vaticano.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Vale ressaltar que não nos cabe julgar as ações do Cineduc, pois tanto Thompson como Certeau valorizam as experiências dos sujeitos nos processos cotidianos e na relação com o outro. Para esses autores, as experiências não constituem uma categoria fria e isolada; são cheias de vida, contradições, silêncios, lutas e mudanças. Algumas decisões tomadas pelos agentes desse projeto nem sempre foram determinadas pelas diretrizes da instituição, mas impostas por circunstâncias do contexto social e histórico. O Cineduc, pelo seu pioneirismo, construiu uma história com pessoas que utilizaram táticas e estratégias num determinado espaço-tempo, buscando assim visibilidade e o reconhecimento da instituição.

Certeau (1994, p. 38) afirma que “o cotidiano se inventa de mil maneiras de caça não autorizada”. Para desdobrar o sentido dessa frase, vejamos o caso apresentado pelo autor. As estratégias da colonização espanhola entre etnias indígenas foram modificadas pelo uso que os colonizados, subjugados ou mesmo sob consentimento, fizeram das leis, das práticas e/ou das representações que lhes eram impostas ora pela força, ora pela sedução. Neste breve exemplo, podemos perceber o que Certeau chama de usos, táticas e estratégias. É possível reconhecer os usos e as táticas empregadas pelos indígenas para subverter (nem sempre intencionalmente) essas leis, práticas e representações. “Eles metaforizavam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro” (CERTEAU, 1994, p. 95), e assim faziam-se diferentes e invisíveis no espaço organizado pelo ocupante. Os colonizadores espanhóis utilizaram estratégias para conseguir a dominação através das relações de força e poder. “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças” (CERTEAU, 1994, p. 99).

Sendo assim, entendemos que a estratégia pressupõe o poder, enquanto a tática é determinada pela “carência” deste, ou seja, “as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

alterar” (CERTEAU, 1994, p. 92). Destacamos que as categorias *estratégia* e *tática* não têm um lócus definido e fixo, fazem parte de um jogo de relações de poder em que cada um utiliza suas “armas”, visto que a força está em todo lugar.

O projeto do Cineduc foi inovador e ousado para a época, pois de certo modo contestava a educação tradicional, os currículos rígidos e lutava pelo reconhecimento do cinema enquanto arte e conhecimento, e pela sua inserção como disciplina curricular.

Entre 1969 e a década de 1980, o Cineduc teve muita dificuldade para realizar a atividade com cinema e produção audiovisual dentro das escolas e implementar esse projeto de acordo com o seu público-alvo, que eram as crianças pobres. Foi contemporâneo da crise econômica vivida no país nas décadas de 1970 e 1980, além do regime ditatorial naquele período. Em função desses problemas, o projeto foi sofrendo modificações para se adaptar às condições de cada local e possibilitar a sua continuidade e, com apoio de várias pessoas, continuou criando estratégias e táticas para viabilizar sua sobrevivência.

Enquanto ONG, o Cineduc desenvolveu várias estratégias para seguir divulgando a importância do cinema para a formação da criança e também dentro da escola. Durante esse período, teve que desenvolver o trabalho em vários formatos, em função de novos espaços, como hospitais, favelas, condomínios, cineclubes, clínicas psiquiátricas e escolas públicas, particulares e experimentais,⁵⁸⁷ bem como teve de ampliar sua produção e participação acadêmica.

Suas produções acadêmicas, metodológicas e pedagógicas foram importantes para adensar a relação entre educação e cinema no Brasil, e a experiência que era adquirida ao desenvolver o trabalho com as crianças. O trabalho era desenvolvido com seriedade, tendo como base a paixão pelo cinema e

⁵⁸⁷O nome experimental é dado às escolas que dentro de parâmetros legais (Lei 4.024/61 e Lei 5.692/71) desenvolvem propostas pedagógicas diferenciadas do currículo oficial, ou seja, são escolas que têm filosofias, metodologias e propostas diferenciadas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a crença na potencialidade dessa arte na formação estética e de sentidos dos sujeitos dentro e fora da escola.

Esse trabalho experimental e pioneiro com crianças e professores gerou um frescor de terra fértil e uma consistência pela vasta experiência que foi adquirida a partir de suas diferentes formas de atuação, o que possibilitou reflexões e transformações no projeto pensado originalmente. Penso que esse processo de construção de conhecimento – prática, reflexão e teorização – cria um tripé que chamo de *experimentação*.

Os aspectos que precisam ser destacados nesse processo de *experimentação* são o trabalho desenvolvido com as crianças e a produção de material didático e metodológico. Naquele momento um grande desafio foi o trabalho com esse público-alvo, pois o Plan Deni tinha sido idealizado para outros países. Sendo assim, desconhecia-se na prática como seria implantado esse trabalho no Brasil. Porém, destaco que a perspectiva do Cineduc se transformou em potência, pois a prática gerava questionamentos e desejos de trocas e buscas, e a *experimentação* se fazia presente. O Cineduc colocou nas mãos das crianças a máquina que exigia técnica e trazia a magia, possibilitando-lhe a criação e a imaginação. Assim, a câmera vai para as mãos dos protagonistas mirins, que podem inventar e ressignificar o que não sabem de maneira diferente dos adultos. As crianças se tornam autoras do seu processo de aprendizagem e criação, ações tão importantes para a formação de um cidadão mais crítico e autônomo. Além da câmera, elas puderam participar de festivais de Cinema como jurados e como espectadores de filmes premiados e reconhecidos mundialmente.

Essa falta de referências gerou no Cineduc um processo de autoformação na busca de construção de metodologias e produção de material didático para o trabalho com crianças e para a formação dos professores. Nesse período a ONG criou vários materiais como cartilhas, livros e *kits* pedagógicos para serem desenvolvidos dentro das salas de aula e técnicas desenvolvidas por professores a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fim de aproximar as crianças às sensações, aos sentidos e reflexões.

Junto aos professores, os integrantes observavam dentro do processo em que o trabalho estava mais “frouxo”, onde a dúvida se fazia presente, e estratégias eram traçadas para superar tais dificuldades. Algumas estratégias foram: reuniões, relatórios, trocas, busca de formação de uma equipe, cursos teóricos e práticos, e realização de painéis.

Nos painéis eram abordados temas como arte, estética, produção, infância, entre outros, para o que eram convidadas pessoas das diversas áreas, como educadores, cineastas, críticos de cinema, psicólogos, desenhistas, jornalistas. Na maioria das vezes, os posicionamentos não eram os mesmos e o debate acontecia de forma bastante rica, pois eram vários os pontos de vista sobre o mesmo assunto. Não se tratava de um encontro de pares, mas de pessoas que trabalham com o mesmo tema em espaços diferentes, com experiências e posicionamentos diferentes. A plateia poderia tirar suas conclusões ou criar outras, pois “pensamento e ser habitam um único espaço, que somos nós mesmos. Mesmo quando pensamos, também temos fome e ódio, adoecemos ou amamos, e a consciência está misturada ao ser” (THOMPSON, 1978, p. 27).

Em suas ações a preocupação em não ver o cinema apenas como recurso pedagógico e entretenimento esteve sempre presente. Era preciso desenvolver o gosto através do adensamento do ver e do sentir. Nesse sentido, era preciso aprofundar mais a formação dos protagonistas desse processo: pais, estudantes e professores.

A investigação da trajetória do Cineduc instigou-nos a um questionamento: por que, nos dias de hoje, alguns obstáculos que a ONG enfrentou ainda são tão atuais? A crise econômica já não é mais o grande problema e o avanço da tecnologia barateou e possibilitou maior acessibilidade. Por ora, parece-nos que a mesma luta iniciada naquele momento ainda se estabelece nos dias atuais. Que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

outras estratégias e táticas precisavam emergir para que pudéssemos perceber avanços nesse sentido?

O materialismo histórico defendido por Thompson afirma que o *fazer-se* das pessoas é um processo de lutas, são processos experienciados que formam uma classe ou um movimento. Ou seja, o movimento ou classe não se forma primeiro para depois surgirem as lutas pelo movimento ou classe:

a formação de classe (...) surge no cruzamento da determinação e da autoatividade: a classe operária 'se fez a si mesma tanto quanto foi feita'. Não podemos colocar 'classe' aqui e 'consciência de classe' ali, como duas entidades separadas uma vindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas conjuntamente. [Elas se desenvolvem] num processo inacabado de relação - de luta com outras classes - no tempo (THOMPSON, 1978, p. 121).

Atualmente, encontramos muitos outros projetos, além do Cineduc, realizando atividades, oficinas, reflexões, produções acadêmicas que desenvolvem o cinema na educação de crianças dentro das escolas, o cinema enquanto formador social, político e cultural, o cinema enquanto arte. Este movimento vem acontecendo dentro e fora da escola. A rede não parou de se formar.

Pessoas de vários espaços educativos, instituídos e não instituídos (universidades com cursos de extensão, cursos de graduação, grupos de pesquisa, professores que acreditam num processo educacional mais democrático com suas "táticas de praticantes", cineclubistas e ONGs) vêm contribuindo com suas experiências e práticas para o fortalecimento desse posicionamento. Este movimento foi e é uma potência para o processo do cinema enquanto arte na educação, pois é um processo de contra-hegemonia.

Muitas vezes o processo de contra-hegemonia desenvolvido por essa rede vem sendo invisibilizado por um discurso de que nada mudou. É preciso também mudar o modo de ver e agir com relação a esse objeto e aos seus protagonistas para perceber as transformações. Sendo assim, faz-se necessária a valorização das



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

práticas e dos processos cotidianos. É preciso reconhecer essa história já construída pelo Cineduc e outras que têm sido desenvolvidas.

Acredito que este grupo de pessoas e instituições precisa cada vez mais ocupar espaços onde se possa realizar o encontro para que estratégias sejam estabelecidas e se unam nesse processo de contra-hegemonia, fortalecendo-o e tornando-o mais potente. As práticas individuais são importantes, pois as experiências humanas e o seu fazer-se acontecem das maneiras mais diversas, mas é na troca, no embate, no diálogo, na teorização dessa prática e num projeto mais articulado que se conseguirá a ampliação e o fortalecimento desse movimento, do qual poderá surgir uma mudança no modo de ser e agir de uma sociedade. É um movimento de dentro e de fora.

Valorizar as práticas cotidianas de professores e pensar em estratégias que promovam a formação dos professores em cinema potencializam ainda mais esse movimento. Não há uma fórmula, mas uma tática é exercitar mais os sentidos e olhar com paixão para esse profissional que sabe e aprende. Para isso faz-se necessário desaprender um discurso que distancia o professor desse movimento e reaprender maneiras de aproximá-lo. E nesse sentido penso numa frase que lemos nos documentos analisados e ouvimos diversas vezes nas entrevistas que afirmavam o desinteresse do professor, como se o não querer e o não fazer fossem simples falta de desejo. O desafio está em se pensar a complexidade que envolve esse não querer e não fazer. O professor também está em processo de formação, não é um produto pronto e acabado. Ele é aquele que aprende, que é formado e se forma com o outro e através do outro.

No ano de 1969, o Cineduc, para iniciar seu trabalho, precisou formar sua primeira equipe de professores. Na sua maioria eram professoras que não tinham formação em cinema. Para a realização desse primeiro curso de formação contou com a participação de Ronald Monteiro, José Carlos Avelar, Marialva Monteiro⁵⁸⁸,

⁵⁸⁸ Educadora.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Lúcia Maria Sá Pereira⁵⁸⁹ e Regina Yolanda Werneck.⁵⁹⁰ O curso teve carga horária de 21 horas, incluindo projeção, estudo, debate de filmes e *slides*, sob a orientação de Marialva e José Carlos Avelar. Além dessa atividade, Marialva tinha como função difundir a metodologia do Plan Deni e José Carlos Avelar a de falar sobre as questões cinematográficas. Lúcia Maria Sá ficou responsável por trabalhar com as questões psicológicas, ponto central do plano experimental desenvolvido em Quito e Lima. Regina Yolanda Werneck ficou responsável por falar de criatividade através das artes plásticas, enquanto Ronald Monteiro apresentou a importância social e cultural do cinema, discorrendo sobre a falta de trabalho sistemático na educação com cinema e também sobre as etapas de realização de um filme. Foi um curso com número de vagas limitado, havendo prioridade para professoras de escolas que desejavam trabalhar com o plano Cineduc (1969a).

Em 1975, o Cineduc apresenta uma trajetória diferente da que foi vivida até então. Busca uma equipe mais ligada ao campo da comunicação. Nas entrevistas percebemos que as experiências e as marcas que esses sujeitos tinham da escola fizeram com que realizassem críticas muito contundentes ao que viram no processo do trabalho desenvolvido pelos professores, provocando assim uma *fissura*, pois muitos saíram da instituição.

Esse entendimento de que o professor que está em sala de aula não sabe trabalhar com o cinema e que é necessário um especialista para exercer tal função ainda está em pauta na atualidade. Parece-nos que essa dicotomia ou fragmentação entre cinema e educação leva à ideia de que são duas áreas estanques e que, por exigirem formação específica, o professor não seria capaz de desenvolver um trabalho de criação nos dois campos. O professor muitas vezes argumenta que esse profissional não sabe como trabalhar em sala de aula e cria argumentos (táticas) para sua defesa. A questão não é dizer quem tem razão, a questão é pensar que a

⁵⁸⁹ Jornalista de formação. Trabalhou como crítico de cinema do *Jornal do Brasil*, cineasta e escritor de vários livros sobre cinema.

⁵⁹⁰ Psicóloga.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

formação é processual e buscar outra concepção do cinema na educação, ou seja, a construção de um processo de contra-hegemonia. É no embate, nas mesas redondas, no debate, na apresentação de outras maneiras de ver que se tem a experiência modificada.

CONCLUSÕES

A pergunta que permanece é: como conciliar a arte cinematográfica no cotidiano escolar? Para uma mudança social no modo de ver e perceber o cinema, faz-se necessário um atuação fora da escola. Por isso, acredito que é uma frente de trabalho árduo e de longo prazo, mas fértil, pois a educação é permanente e contínua para todo e qualquer cidadão. Os movimentos contra-hegemônicos pensam em estratégias a fim de democratizar o conhecimento de Cinema e Educação para as classes mais populares e desfazer essa desigualdade cultural. É necessário desenvolver o gosto cinematográfico nas diferentes classes sociais.

Na cidade do Rio de Janeiro, é na Zona Sul que encontramos as melhores salas de cinema onde se exibem filmes de arte, filmes *cult*, não são só *blockbusters*. A justificativa dessa geografia estaria na falta de interesse por parte dos moradores dos locais menos favorecidos. Afirma-se que se passarem algum tipo de filme diferente dos norte-americanos, as salas ficarão vazias e não haverá público. Como disse Zizek (2012), o desejo humano não é natural, e por isso deve ser ensinado. Se nesses espaços não houver acesso a filmes dessa natureza, como formar professores, pais e crianças, que são o tripé do processo social e histórico? Ir ao cinema é um processo cultural e social que precisa ser desenvolvido.

Percebo que o cinema ainda é considerado uma arte menor nas escolas, e muitas vezes está a serviço das disciplinas ou é entendido como passatempo. Vale ressaltar que mesmo as artes reconhecidas pelo currículo instituído ainda ocupam um lugar de menos privilégio. É necessária uma ressignificação desse



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

posicionamento, pois as artes são de grande importância para a imaginação, o pensamento e a formação política e social do indivíduo. Valorizar a arte é um ato político importantíssimo. Para uma formação integral do sujeito, todas as linguagens artísticas têm um papel fundamental, pois são o lugar da estesia, das sensações e dos sentidos. É a formação estética que perpassa o projeto de uma formação humana mais livre.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEANDRO, Anita. História, preservação, educação: escolas, universidades e arquivos. In: CINEOP: Mostra de Cinema de Ouro Preto, 6. ed., 2011, Ouro Preto. [Apresentação oral]. Ouro Preto, 2011b.

MONTEIRO, Marialva. [Pedido de circulares]. Carta enviada para Luis Campos. [Rio de Janeiro, 1969a]. Carta manuscrita. Documento pertencente ao arquivo do Cineduc.

THOMPSON, Edward P. *Miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ZIZEK, Slavoj. *O guia pervertido do cinema*. Tradução: Postmaster. Revisão: Hirschen